
REPRESENTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA VELHICE LGBTQIA+

Andressa de Jesus Araujo Ramos¹
Rubenil da Silva Oliveira²

Resumo: O presente artigo visa analisar as representações da sexualidade na velhice de personagens LGBTQIA+ nos contos *Marília acorda*, de Natália Borges Polesso, e *Ela desatinou*, de Vagner Amaro. Para essa análise, acerca da velhice, usar-se-á, Boclin (2003), Beauvoir (2018), Goldenberg (2017), Zimmerman (2007); da homoafetividade e sexualidade, Okita (2015), Lopes (2002), Mott (2003), e outros. Além disso, o recorte metodológico é amparado na pesquisa do tipo bibliográfica e a análise é centrada na leitura dos contos em confronto com as teorias estudadas. Portanto, compreendeu-se que as narrativas analisadas trazem perspectivas distintas quanto ao tratamento dado à velhice LGBTQIA+ não somente por conta do gênero; no primeiro, as personagens são ignoradas e chamadas de “velhas estranhas” e, no outro, Olímpio é internado em um asilo a fim de que a família se aproprie de seus bens.

Palavras-chave: Homoafetividades. Velhice. Abandono. Família. Literatura de expressão gay.

Introdução

De acordo com Moura (2019) e a Organização Mundial da Saúde (2015), as sociedades atuais estão experimentando um movimento nunca acontecido antes do progresso das tecnologias da informação e do avanço da medicina. Movimentos esses que se misturam à modificação da formação da população com o fenômeno do envelhecimento alicerçado como a tendência progressista e veloz.

Segundo os recentes levantamentos do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), no Brasil, isso não é diferente. O país poderá chegar a 57 milhões de idosos em 2042, estreitando com isso hipóteses de que, antes de 2050, os sujeitos acima de 60 anos já extrapolarão aqueles com idade entre 40 e 59 anos (IBGE, 2018).

Mesmo diante dessa realidade, usando o Google Acadêmico e o Scielo, encontramos estudos na área de ciências humanas, como, por exemplo, “Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e constituição dos ‘idosos LGBT’”, de Carlos Henning (2017), “Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT”, de Ludgleydson Fernandes de Araújo e Karolyna Pessoa Teixeira Carlos (2017) e a Dissertação de Mestrado *Narrativas de histórias de vida de idosas lésbicas: interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidade*, de Anne Joyce Lima Dantas (2020). Nenhum dos três estudos tem o texto literário como objeto, assim, não pertencem ao escopo dos cursos de

¹ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPA), vinculada à linha de pesquisa Literatura, memória e identidade. E-mail: adjaramos@gmail.com

² Doutor em Letras – área de concentração em Estudos Literários (UFPA). Professor Adjunto I de Literaturas de Língua Portuguesa (UFMA). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB). Líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND). Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Literatura, enunciação e cultura (LECULT). E-mail: rubenoliveira50@hotmail.com/rubenil.oliveira@ufma.br

Letras (Graduação, Mestrado e Doutorado) que abordam a velhice, principalmente a sexualidade da pessoa idosa, uma vez que o idoso é visto, pela sociedade, como um sujeito “assexuado” e, se falar da sexualidade do velho já é um tabu, imagine da senescência LGBTQIA+? Por essa razão, as análises aqui empreendidas tomam por base as representações de personagens LGBTQIA+ velhas, fato nem sempre presente na construção da literatura.

Sobre a velhice, na realidade, prevalece o que Henning (2017) chamou de “panorama heteronormativo sobre a velhice”, dado que, de certo modo, favorece uma simbolização do envelhecimento equiparado à edificação de ideais sociais *mainstreams* (heterossexuais e cisgêneros), que passaram a construir a idealização dos “velhos universais” (HENNING, 2017).

Dessa forma, este artigo tem como objetivo geral refletir sobre as representações da sexualidade na velhice LGBTQIA+ em dois contos, cujas personagens analisadas são personagens gays. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, cuja metodologia consistiu em, primeiramente, uma revisão da literatura; em seguida, a realização do estudo da velhice, da sexualidade e da comunidade LGBTQIA+. Feito isso, selecionamos dois contos para serem analisados e, por fim, realizamos a análise literária das narrativas escolhidas.

Esta pesquisa apresenta, além desta introdução e das considerações finais, duas seções: a primeira reflete sobre um casal de esposas lésbicas que é esquecido pela sociedade e pela família; a segunda traz um gay velho que é abandonado no asilo pela família para que ela fique com seu dinheiro.

1 Sexualidade, envelhecimento e homossexualidade feminina em “Marília acorda”

O conto “Marília acorda”, escrito pela professora e pesquisadora brasileira Natália Borges Polezzo, presente no livro *Amora* (2015), relata a história de amor e intimidade de um casal de idosas lésbicas (Marília e sua esposa, esta não se menciona o nome na narrativa) abandonadas pela família e esquecidas pela sociedade por causa de sua relação homoafetiva e que possuem apenas uma a outra para se ajudar, como podemos observar no fragmento abaixo:

Agora ela me ajuda a tomar banho. Lava minhas costas com suas mãos desajeitadas. Parece que ainda tem vergonha dos nossos corpos. [...] Passa xampu na minha cabeça três vezes e eu sinto que tem algo errado, mas não digo nada. Eu tenho medo. [...] Eu morro de medo ainda e de novo e todos os dias rezo para que morramos juntas, porque eu não vou suportar ficar sozinha, nem ela. (POLESSO, 2015, p. 136).

Marília e sua esposa, esta última não tem seu nome divulgado na trama, é ela quem narra os acontecimentos e revela que elas preferem ficar em casa trancadas para não serem discriminadas pela comunidade ao saírem de casa, como relatado no trecho seguinte: “[...] ficamos ali, atrás do muro que esconde o nosso pátio da rua e que esconde a nossa vida das pessoas” (POLESSO, 2015, p. 134).

A narradora conta que a vizinhança não reconhecia a relação afetiva das duas e, por isso, chamavam-nas de “velhas estranhas”, pois acreditava em uma visão reducionista de casal como sendo representado unicamente pelo binarismo homem-mulher. Os vizinhos delas comentavam entre si que “Ali, ali naquela casa, moram duas velhas. Moram ali faz anos essas duas velhas. Acho que essas velhas têm alguma coisa, moram juntas faz anos. Ali na casa das velhas estranhas” (POLESSO, 2015, p. 134).

Sobre o adjetivo “estranhas” utilizado para se reportarem às velhas é válido ressaltar aqui que o sujeito homoafetivo na teoria *queer* é também considerado um estranho; assim, o “estranha” assume tanto a ideia de que os vizinhos não conheciam a natureza da relação das duas quanto a tradução do termo *queer*. Nessa teoria, a professora titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Guacira Lopes Louro explica que *queer* é “tudo isso: é estranho, raro, esquisito” (LOURO, 2004, p.30). A doutora em educação esclarece que *queer* é o indivíduo da sexualidade divergente: homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É exótico que não pretende ser “integralizado” e nem “acomodado”. *Queer* é uma maneira de refletir e de ser que não visa o centro e nem o quer como modelo; uma forma de pensar e de ser que desafia os preceitos determinados pela sociedade, que aceita o desconforto da incerteza, do “entre lugar” e do indecível. *Queer* é um corpo que incomoda, inibe, causa e deslumbra.

A partir da explicação de Louro (2004), é possível afirmar que as velhas são consideradas “estranhas” pelos moradores simplesmente por serem diferentes e não seguirem um padrão heteronormativo. Modelo esse extremamente perverso, pois “oprime, violenta, discrimina, subordina, inferioriza e mata diariamente pessoas que não se identificam com o mesmo” (SOUSA, 2018, p. 01).

Sousa (2018) informa que o Relatório de Assassinatos de LGBT no Brasil de 2016, produzido pelo Grupo Gay da Bahia, apresenta dados assustadores sobre a violência em território nacional sofrida por sujeitos não heterossexuais. Esse documento computa 343 óbitos por causa de gênero e/ou sexualidade no Brasil, em 2016, e alerta que 12% dessas mortes foram vítimas heterossexuais, na maioria das vezes confundidas com indivíduos não-heterossexuais por demonstrarem comportamento afetivo com pessoas do mesmo sexo, como, por exemplo, pai e filho ou pela roupa que estavam trajando.

Sair da residência das idosas representava, além de um risco, pois não se sabia o que as pessoas preconceituosas poderiam fazer contra elas, um verdadeiro desafio, principalmente para a cunhada de Marília que só conseguia se deslocar com um andador. Ela lamenta assim: “Não sei o que aconteceu com as minhas pernas. Elas perderam a força de um dia para o outro” (POLESSO, 2015, p. 134-135). Devido a esses motivos, ambas optavam por ficar em seu lar. A casa das anciãs representava um refúgio para elas, um lugar seguro, confortável, onde podiam manifestar seu amor e intimidade, sem medo, sem culpa e sem temer o julgamento da comunidade.

A sexualidade das idosas é representada através de toques realizados nos corpos uma da outra e também por manifestações de carinho e respeito. Segundo a Organização Mundial da Saúde (1975), a sexualidade não é sinônimo de relação sexual e não se reduz à presença ou não de gozo. Sexualidade vai além disso. É energia que estimula a encontrar o amor, contato e intimidade e se manifesta na maneira de sentir, nos movimentos dos sujeitos e como estes tocam e são tocados. A sexualidade influencia pensamentos, afetos, atitudes e interatividades e tanto a saúde física como a mental.

Nesse sentido, podemos afirmar, a partir da definição proposta pela OMS, que a sexualidade é sexo, é carícia, é contato, mas não é só isso; é tocar e ser tocado pelo *outro*, mas também olhar e ser olhado pelo *outro*. Desse modo, a sexualidade pode ser conceituada também como tudo aquilo que causa em nós e no *outro* prazer e essa satisfação pode ser sexual ou não. Podemos sentir prazer, por exemplo, em ler um livro; em falar ao telefone, durante horas, com um(a) amigo(a) que está no outro lado do mundo ou em conversar por vídeo chamada com um parente que não vemos há anos. Em todos esses exemplos, sentimos prazer, que não é necessariamente o sexual. Freud (2016) afirmava que o corpo do ser humano é erotizado e a nossa sexualidade é vivenciada desde a infância até o fim de nossas vidas. Freud elucida que um recém-nascido, por exemplo, sente prazer em sugar o leite do seio da mãe, pois “os lábios da criança se comportam como uma zona erógena, e o estímulo gerado pelo afluxo de leite quente foi provavelmente a causa da sensação de prazer”. (FREUD, 2016, p. 85).

Alda Ribeiro (2007) conceitua a sexualidade como a maneira na qual o sujeito expressa seu sexo e ela pode ser manifestada através do discurso, dos gestos, da expressão corporal, das roupas, do andar, entre outras coisas que o ser humano pode utilizar como formas de expressar sua sexualidade. Para ela, esse conceito tem sido, constantemente, confundido com o de relação sexual, experimentando restrições quanto ao seu verdadeiro significado. O coito equivale ao ato sexual em si, juntamente com as especificidades envolvidas nesse movimento como troca de carícias, acenos, toques, olhares, entre outros. Sendo assim, a relação sexual é apenas uma das partes da sexualidade, sendo essa uma prática subjetiva que expõe fatores hormonais, sociais, culturais e emocionais na sua constituição. Esses motivos podem influenciar a maneira pela qual o sujeito entende a sexualidade.

Em “Marília acorda”, a sexualidade das anciãs é manifestada por meio do contato físico, mas também no prazer de desfrutarem a companhia uma da outra; na aceitação de seus corpos envelhecidos, de suas manias esquisitas, de suas variações de humor e de suas crises existenciais. No desejo de agradar uma à *outra*, muitas vezes, abrindo mão de sua vontade própria para satisfazer a da *outra*, como observamos no trecho “Eu sorrio e digo que quero entrar, mas não quero. Entro porque sei que ela quer” (POLESSO, 2015, p. 135).

Em vista disso, “cai por terra” o mito da velhice assexuada que coloca o idoso como alguém incapaz de sentir desejo e produzir prazer no outro. Freud acentuou que “o desejo e a libido não têm idade, e a sexualidade adulta é a sexualidade infantil” (MUCIDA, 2018, p. 156). Conforme a autora, não

é a idade que estabelece a carência do desejo e, muito menos, a falta ou a presença das relações sexuais, mesmo que estas possam ser firmadas na velhice sob tecidos distintos daqueles achados na adolescência, nos quais contar os orgasmos é uma maneira corriqueira. A sexualidade do idoso pode encontrar caminhos diferentes nos quais o desejo, que não morre, acha outras formas de inscrição.

Moura, Silva e Santos (2019) salientam que a sexualidade na velhice é um assunto que é pouco discutido pelos profissionais de saúde e também pouco compreendido pela sociedade e até mesmo pelos próprios longevos. A carência de informações sobre o assunto contribui, de acordo com Moura, Silva e Santos (2019), para a continuidade de preconceitos. Assim, esse artigo é importante para a produção do conhecimento nos diversos campos do saber, pois nos ajuda a pensar sobre a velhice da população LGBTQIA+ e o tratamento dado a ela na esfera social, uma vez que nos permitirá combater o preconceito que coloca o longevo como um ser assexuado e assim permitirá uma mudança de atitudes por parte dos familiares, dos profissionais de saúde, das ciências humanas, de cuidadores e da própria sociedade que concebe este tema como um tabu.

Constatamos, em nossas investigações na internet e nos repositórios institucionais, uma escassez de pesquisas que abordem a sexualidade da pessoa idosa na literatura. Mais escassa ainda são as que abordam a sexualidade na velhice LGBTQIA+. Isso acaba se tornando algo extremamente preocupante para nós profissionais das ciências humanas, que temos a função social de humanizar os sujeitos através dos textos literários, fazendo-os refletir sobre os problemas, os preconceitos e as mazelas sociais. Conforme afirma Antônio Candido, “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 1989, p. 117).

Henning (2017) acentua que esse assunto é pouco conhecido no Brasil e na América do Sul, e isso contribuiu para que o idoso experimente, como explica Araújo e Carlos (2018), um duplo estigma: o dano da idade e a sexualidade desviante. Para os autores, dizeres como “bicha velha”, “sapatão”, “coroa assanhado”, “traveco” mostram a manifestação do preconceito nas representações sociais da população à velhice LGBTQIA+, repercute solidão, crise e mitos que se reproduzem na sociedade. Nesse sentido, julgamos necessárias as discussões trazidas por este artigo no que concerne à sexualidade na velhice LGBTQIA+ e acreditamos que através deste trabalho outras pesquisas poderão surgir com o intuito de combater o preconceito, pois a sociedade precisa aceitar que a comunidade LGBTQIA+ também envelhece; e envelhecer é um direito de todos, independentemente de cor, escolaridade, *status* social, religião ou orientação sexual.

2 Homoafetividade e velhice: uma leitura de “Ela desatinou”, de Vagner Amaro

O conto “Ela desatinou”, de Vagner Amaro, faz parte do livro *Eles*, o qual traz dez narrativas que têm homens de diferentes idades e orientação sexual como protagonistas, sendo que em três

deles há personagens gays – “Eles”, “Ela desatinou” e “Miragem”, cada uma delas com perspectivas distintas da vida gay. A primeira e terceira narrativas, embora tratem de representações da homoafetividade, foram descartadas, porque não traziam a citação à velhice como pretendido para esse artigo. O conto selecionado conta a história de Denise, antes Denis, e seu marido Olímpio, incluindo a transformação de Denis em Denise, a participação de Olímpio nesse acontecimento e os conflitos da sociedade com a vida desses sujeitos. Entretanto, o objeto da análise será Olímpio, uma vez que ele é o que traz a ideia da velhice. Não é foco da análise o relacionamento do casal homoafetivo, visto que apenas um dos pares é velho.

Denis saiu correndo do banheiro, chorava, seu corpo grande de menino que acabara de abandonar a adolescência, mesmo que se esforçasse para que não, tremia. Saiu do hospital, atravessou a rua, parou em um boteco em frente, e, enquanto se acalmava, ouviu uma voz mansa, segura e madura ao seu lado, “Quer um café?”; ao se virar, viu um senhor, sessentão, olhando fixamente nos seus olhos, era a primeira vez que alguém o olhava.

Olímpio já trazia na pele as manchas da velhice, os olhos pareciam meio opacos, mas os dentes eram feitos e proporcionavam um sorriso que, em alguns momentos, até parecia jovial. Aceitou o café, e ali nasceu uma estranha amizade. Olímpio começou a circular com Denis nos lugares mais interessantes e exóticos da cidade, parecia que lhe queria ensinar algo, que Deus não sabia ao certo o quê. Circulavam por bares e boates e, certa vez, Denis viu surgir no palco de um inferninho um homem magro e musculoso, vestido de mulher, em um vestido prateado, cantando de forma bem lenta uma música que nunca tinha escutado, mas que, naquele momento julgou como uma canção antiga, “Ela desatinou, viu morrer alegrias, rasgar fantasias, os dias sem sol raiando e ela inda está sambando...” (AMARO, 2019, p. 55-56).

Conforme o fragmento, o encontro entre Denis e Olímpio é ao acaso; desse encontro nasceu o afeto e isso “não implica necessariamente a dissolução dos limites entre arte e vida, mas a consideração da vida cotidiana como jogo de máscaras” (LOPES, 2002, p. 171). Diante desse entendimento, compreendeu-se também que “a literatura é um fazer humano. Quando é interpretada, avaliada, legitimada ou desqualificada, fica aberto o leque de sua recepção, leque este que se altera no decorrer do tempo em face de novas pesquisas. Nem a teoria nem a crítica literária se furtam à ação do tempo” (CUTI, 2010, p. 13).

De acordo com o conceito dado, compreendeu-se que essa manifestação artística move-se continuamente, renova-se a cada época a fim de que reproduza as ideias do tempo em que fora construída. Nesse sentido, as temáticas, ideias, frases e imagens as quais compõem a tessitura da produção literária da produção contemporânea atendem aos interesses do autor e do público desse período. No caso das identidades gays, ressalta-se que, ao situar a presença do gay negro masculino e em um corpo envelhecido, essa manifestação assume uma função combativa, na qual se assume e dá a voz aos esquecidos pela produção canônica. Assim, as primeiras imagens revelam a segurança e a ausência da libido como atributos dos corpos envelhecidos, como visto em:

Era imenso e ela queria cortá-lo. No seu único relacionamento duradouro, o marido de Denise só dormia com as mãos em concha, guardando-o. Andava pelas ruas sob o sol quente. As solas dos tamancos, já meio tortas, de tão gastas, faziam com que andasse de um jeito muito específico, entre o manco e o rebolado, e, de quando em quando, parecia que iria cair, mas logo se reequilibrava e seguia com um olhar firme para a frente, como se visse algo, um destino, uma imagem que apenas ela parecia perceber e seguir (AMARO, 2019, p. 51).

Fica evidenciado no fragmento que a presença do falo imenso de Denise é posta como um contraponto ao seu marido, de quem, até o fragmento, não se sabia nada, apenas que dormia com as mãos em concha guardando o membro dela. A ideia de que ambos são gays prevalece pela presença do relacionamento existente e sobre Denise, ela é uma travesti/ transformista, pois, no início, o uso da roupa feminina era apenas para cantar na boate e, depois, porque Olímpio queria vê-la como o feminino, além de não haver nenhum fragmento no qual a personagem se veja como dentro de um corpo estranho. Retomando à ideia do falo surge uma inquietação – Por que o marido de Denise procura, no dormir, proteger o falo dela? – essa pergunta pode ter duas respostas. O marido é um homem que, mais tarde, vimos a saber ser velho, um sessentão e, como apresentado em estudos da biologia e do desenvolvimento humano, o metabolismo enfraquece e uma das funções afetadas é a sexual, o homem não consegue mais, com a mesma facilidade, manter o seu pênis ereto, assim, não consegue manter ativa a sua vida sexual.

Dito isso, ele protege aquilo que tinha um valor, o que é ausente nele, como presente nos estudos freudianos, nos quais o sujeito procura no outro aquilo que é ausente nele, sobretudo no que diz respeito à vida sexual. Assim, a velhice e a homoafetividade podem ser os códigos que nos levam a essa leitura, uma vez que um dos estereótipos do gay masculino e/ou das mulheres heterossexuais é o amor ao falo e, na velhice, não se pode mais usá-lo como antes para a satisfação do prazer sexual. Para dialogar com o escrito, convém recuperar o fragmento abaixo:

Notemos, é claro, o fato de que a *libido* assim concebida se caracteriza essencialmente pelo sexo masculino, suas formas e suas propriedades. Ela é originariamente fálica. Agostinho decerto se dá conta da objeção possível, e se empenha em encontrar o simétrico, na mulher, do movimento indecente que envergonhou o homem assinalando a revolta nele mesmo, portanto, sua decadência: “Não foi um movimento visível que a mulher velou; aquilo que o homem experimentava, ela própria experimentou, embora de uma maneira mais secreta; ambos velaram o que cada um deles experimentava à vista do outro.” E talvez porque sentiu o que havia de artificial nesta simetria que fazia a mulher esconder o que nela é invisível e, sem dúvida também, para conservar o tema já evocado do pudor face ao desejo recíproco, Agostinho acrescenta na mesma passagem: “O homem e a mulher enrubesceram, ou bem cada um por si ou bem um pelo outro.” A mulher vela o que provoca o movimento que o homem deve esconder; e este deve velar o que provoca o movimento escondido na mulher. De todo modo, a visibilidade do órgão masculino está no centro do jogo (FOUCAULT, 2020, p. 421-422).

Nessa atmosfera de combate, percebe-se a presença da resistência dos grupos minorizados e dentro de uma perspectiva interseccionalizada entre as sexualidades, as etnias e aqui, também o fator idade, visto que são pouquíssimas as narrativas que trazem gays idosos como personagens. Além disso, considera-se que o “silenciamento da voz é uma construção social que afetou, principalmente, os corpos considerados de menor valor – crianças, mulheres gays e velhos, em praticamente todas as fases da história e as artes como manifestação cultural acabaram por se apropriar desse discurso” (OLIVEIRA, 2020, p. 273). Diante desses silenciamentos, foi necessária a adoção de uma postura transgressora, subversiva, na qual os sujeitos gays, negros e idosos pudessem se colocar contra os discursos e outros dispositivos que os colocavam como sujeitos invisibilizados. Por isso, se percebe a literatura de expressão gay como um manifesto de resistência com um eco triplo por interseccionar o gênero, a raça e a velhice, conforme vimos:

Ela se batizou Denise na primeira vez que se apresentou em uma boate no Centro do Rio de Janeiro. Fora levada pelo namorado, Olímpio era o nome do velho. Em alguns momentos tinha nojo quando a boca úmida de Olímpio e seu cheiro de perfume antigo se aproximavam. Mas o fato é que com Olímpio tinha companhia para ir ao cinema, ao teatro, e aos restaurantes caros, um mundo que a vida que levava até então, distante dos centros de tudo, não permitia (AMARO, 2019, p. 52-53).

Desde as sociedades antigas, o afeto entre pessoas do mesmo sexo é uma realidade, no entanto, representado de modos distintos, conforme os códigos morais, religiosos e sociais de cada lugar e época, visto que até hoje, algumas Nações nem mesmo permitem a presença de sujeitos homoafetivos. Isso ocorre porque o “corpo, a mente, a sexualidade humana são interpretados/explicados cientificamente pelo discurso médico, demográfico, econômico e jurídico” (FIGARI, 2007, p. 241). No nosso caso, Brasil, durante a vigência da Inquisição sobre o Novo Mundo, os identificados com essa orientação sexual eram aprisionados e mortos e isso se estendeu até o século XIX e, na cena contemporânea, suaves mudanças aconteceram em consonância com um conjunto de lutas sociais. Do período assinalado, destaca-se:

Nesse contexto, a sodomia, ainda que tema polêmico, não devia ser penalizada conforme as correntes principais da ilustração europeia. A doutrina jurídica não era pacífica. Alguns opinavam que não se estava falando de um direito natural e que a sodomia constituiria um crime contra o Estado, na medida em que poderia induzir homens sem culpa a práticas imperdoáveis, comprometendo a força do indivíduo ou inclusive a reprodução do povo (Hans Ernst von Globig e Johann Georg Huster, em *Abhandlung von der Criminal-Gesetzgebung* [Tratado da Legislação Criminal], 1783) (FIGARI, 2007, p. 160).

Compreende-se que as punições dadas aos sodomitas eram não só uma questão ligada à fé, mas aos preceitos jurídicos da época, isto é, era também uma questão legal e que estava associada ao

trabalho reprodutivo do casamento. Na segunda metade do século XIX, com a teoria médico-higienista, a qual propunha um controle dos corpos e, por conseguinte dos seus sujeitos, aqueles que fossem pegos em algum ato que pudesse indiciar o homoafeto seriam aprisionados e tirados do convívio, pois seus comportamentos eram um atentado à moral e aos bons costumes. Por outro lado, observou-se no conto de Vagner Amaro que o problema à internação de Olímpio em um asilo não é apenas a homoafetividade, a vida marital dele com uma travesti jovem, mas o dinheiro que ele tinha e do qual a família queria se apropriar ainda que contra a vontade dele. No entanto, acerca do preconceito, é fundamental considerar que

o preconceito racial e de gênero são fatores preponderantes para a avaliação prévia de alguém. Quando não dispomos de dados reais, advindos de fonte fidedigna, acerca da outra pessoa, ou quando esses dados são muito escassos, apelamos para o nosso arquivo de memória, onde estão guardados também os nossos preconceitos. A consulta relâmpago que a eles fazemos nos dá um resultado que acende nossos sentimentos e instiga nossas atitudes na direção da identidade ou na de seu inverso (aversão, desejo de afastamento, aumento de medo ao primeiro contato etc.) (CUTI, 2010, p. 24-25).

Além dos preconceitos citados por Cuti (2010), pode ser observado que havia um estranhamento dos homens em relação a Denis, sobretudo quando “um grupo passou e jogou um saco cheio de urina sobre o seu corpo. O cheiro da urina lhe fez lembrar de quando tudo começara nesta cidade árida, dos banheiros dos hospitais. Quanto tempo? 20 anos?” (AMARO, 2019, p. 58). Considera-se que a ação do grupo não é apenas uma brincadeira, uma zombaria inocente, não há inocência em jogar um saco de urina sobre o outro e isso acontece somente porque se trata de um gay que agora tem um corpo deteriorado, inclusive falta a ele alguns dentes.

E, na contemporaneidade, mesmo com mudanças nas leis, gays ainda são mortos, perdem o emprego e são expurgados da sociedade como se fossem um objeto que pudesse ser descartado; e quando reivindicam um lugar de fala, simplesmente, têm de ouvir que o seu modo de amar é uma aberração e depõe contra Deus e as “famílias de bem”. Inclusive a manutenção desse discurso acontece devido ao fato de que “privilegia-se, nessa ordem, uma formação discursiva que atinge o desejo, restringindo-o ao âmbito da família nuclear. O sexo permitido e recomendado – a diferença da moral cristã – é o sexo marital” (FIGARI, 2007, p. 241). Sobre essa nova formação, pode ser acrescido que ele não quer o sexo com uma mulher, Olímpio não quer a reprodução, ele já tinha casado, tido filhos e até netos, mas agora procurava o prazer, consoante o visto em:

O sucesso foi imediato, poucos homens gays negros aventuravam-se no mundo do transformismo; Denise era um acontecimento. Olímpio não se incomodou com a transformação de Denis em Denise; havia sido casado por décadas com uma mulher, tinha até netos, que pouco o visitavam; tratou logo de convidar Denise para morar com ele; inventaria que ela era sua assessora, o que não queria era perder sua

paixão. Em pouco tempo Denise deixou de ser apenas uma expressão artística, e no dia em que pisou na casa do marido, via-se uma mulher. O carinho e os cuidados de Olímpio compensavam o fato de ele estar bem distante do homem jovem que ela fantasiava como marido ideal para a sua vida. O velho tinha a estranha mania de dormir com as mãos em concha, guardando o fruto de que Denise não fazia uso (AMARO, 2019, p. 56-57).

Observou-se que o ato do sexo não é a busca do prazer, mas da procriação, como afirmado em Figari (2007), e servia ao interesse da burguesia no século XIX e primeiras décadas do século XX. Por outro lado, essa busca do prazer causa medo naquele que está fora, sobretudo quando existe também o poder econômico como visto na relação entre a família de Olímpio e Denise no conto “Ela desatinou”, que serviu de objeto para esta análise. Essa posição da família pode ser notada em: “Olímpio, por pressões de familiares, que temiam que ele deixasse alguma herança para a sua ‘nova e estranha assessora’, tratou de interná-lo forçadamente em um asilo. Nem o endereço Denise conseguiu descobrir” (AMARO, 2019, p. 57). A posição da família de Olímpio pode sugerir a presença das famílias do mundo real que abandonam os gays quando sabem da sua orientação sexual e procuram se afastar dele por sentir vergonha; mas, quando esses gays têm alguma posse, encarregam-se de buscar alternativas para se apropriar desses bens; uma boa família que não quer bem, mas bens.

Na contextualização acima, falou-se da pessoa gay envelhecida, tanto no conto de Natália Borges Polezzo quanto no de Vagner Amaro, mas essa imagem não era comum na literatura e nem nas outras manifestações artísticas. Por exemplo, o primeiro beijo gay entre idosos, na televisão brasileira, foi na novela Babilônia, de Gilberto Braga, em 2015, uma cena épica entre as personagens das veteranas atrizes Fernanda Montenegro e Nathália Timberg por sua vez é aqui que nos perguntamos e os gays velhos não existiam? Se existiam, como eram representados nas páginas literárias e na historiografia das sociedades? Assim, a imagem que fica na cabeça dos jovens é que gays não envelhecem e, se envelhecem, serão Olímpios trancados por seus familiares em qualquer asilo ou quarto escuro de pensão. E, ao pensar essa imagem, é muito fácil recuperar a crônica “Bichas da terceira idade: o alegre fim dos solteirões”, do antropólogo e decano do Grupo Gay da Bahia, Luiz Mott, na qual o narrador conta as imagens que ele tinha, na adolescência, acerca dos homoafetivos envelhecidos, da qual segue o trecho:

A segunda imagem que ficou de minha adolescência é que todo homossexual estaria condenado à solidão na velhice, vegetando sozinho e abandonado, num quartinho sombrio de uma pensão de quinta categoria.

Obviamente que esta última imagem, tão negativa, da bicha velha abandonada, tem um objetivo certo: assustar os jovens para que não enveredem pela homossexualidade, pois ninguém é doido de querer para si um futuro tão sombrio e desgraçado.

Ao longo de meus trinta anos de vivência homossexual bastante intensa e diversificada, posso garantir que nada é mais falso do que aquela visão negativista do triste futuro das bichas velhas (MOTT, 2003, p. 49).

Conforme o excerto da crônica de Mott (2003) e do conto de Amaro (2019), percebeu-se que há uma negação da imagem do velho na esfera social, inclusive com o apagamento da sua sexualidade, o que pode ser sustentado quando no conto só é comentado o falo de Denis/Denise, nunca o de Olímpio. Nisso, nota-se que há um silenciamento da sexualidade do corpo velho e do novo, o qual, pelo contrário, precisa ser propagado, visto, inclusive no tocante ao falo do negro, imagem que recupera a ideia de que o falo negro é sempre grandioso, digno de ser notado. Nesse sentido, cabe ainda se lembrar de que a “educação, a Igreja e a família exercem um papel de agentes indiretos da repressão contra os homossexuais. Ao governo e aos seus órgãos de segurança, cabe o papel de agente direto dessa repressão” (OKITA, 2015, p. 84). Viu-se que a instituição família é a responsável pelo afastamento entre Denise e Olímpio, sendo assim um agente repressivo e balizador da moralidade social, portanto, velhice e homoafetividade em “Ela desatinou” são faces ainda não toleradas pela esfera social, são corpos que não precisam ser vistos.

Conclusão

A literatura gay é ainda uma construção de homens que representam a si e a suas subjetividades, afinal, a literatura é um produto social, criação do humano e, no caso desta, considera-se, também, a sua emergência no campo literário. Embora, há mais de um século os gays brasileiros não sejam mais punidos pelo Código Penal por assumirem essa identidade ou por demonstrarem pequenos afetos como dar as mãos, acariciar o rosto um do outro sejam considerados subversões à moralidade social, muitos ainda morrem por homofobia e têm sua sexualidade interdita quando se trata dos corpos envelhecidos. Neste, a presença de homoafetivos na velhice representa uma contravenção social, pois sempre fora dito que esses sujeitos, como não se reproduziam, deviam ser condenados ao esquecimento, visto que não deixariam nada sob a terra, nem mesmo uma família para que desse continuidade ao povoamento da sociedade e, por conseguinte, da história social.

Identificar-se como sujeito gay não significa a instauração de uma nova ordem ou categoria para o sexo; essa crença de que a população gay viria a ser o terceiro sexo já inexistente. A ideia da existência do terceiro sexo tinha por fundamento a identidade dada aos sujeitos homoafetivos pela Psicologia, no século XIX – invertido –, então, os de sexo inverso, por desejar ou ter relações sexuais e afetivas com pessoas do mesmo sexo, pertenceriam a essa categoria.

No conto “Marília acorda”, de Natália Borges Polessio, é narrada a história de duas mulheres, a narradora, que está paraplégica, e Marília, a sua amada, sendo uma narrativa de amor lésbico que, como muitos da realidade, foram duradouros: moravam ali juntas fazia anos e envelheceram juntas. Desse modo, a narrativa traz um discurso que se alterna terceira e primeira pessoa sem se constituir

indireto livre. Trata da velhice, do adoecimento e medo da separação dos corpos, pois, como viveram uma para outra, reconhecendo-se nos seus silêncios, chegaram ao tempo em que as palavras não são mais importantes. A velhice é apresentada como um mal incurável e que chega do dia para a noite tornando-nos indefesos, resignados nos nossos silêncios e a lesbianidade como despertadora dos julgamentos cruéis da sociedade, que inclusive chama as duas de velhas estranhas.

Por outro lado, no conto “Ela desatinou”, de Vagner Amaro, um narrador em terceira pessoa conta ao leitor a história de Denise, mais tarde sabemos que se tratava de Denis, aliás, logo no primeiro parágrafo o leitor sabe que Denise é uma travesti de um grande falo que era protegido pelas mãos em concha do marido enquanto dormiam. Depois sabemos da diferença de idade entre Denise e o marido, o sessentão Olímpio, um funcionário público aposentado que já tinha outra família com filhos e até netos, inclusive este é responsável pela transformação de Denis em Denise. Todavia, depois de sabido esse relacionamento por parte da família, ele é internado em um asilo e aqui compete dizer que a internação dele não é somente por não concordar com a homoafetividade ou velhice, mas um meio para se apropriar dos bens que este tinha e não deixar que ele desse nada para Denise.

Nesse sentido, ainda que a produção literária de expressão seja considerada uma literatura menor por conta do seu conteúdo ideológico-cultural, ela continua sendo literatura, é ficção construída a partir da *mimesis* do real, não apenas um produto desprovido de literariedade. Desse modo, compreendeu-se que a literatura gay envolve textos que trazem e difundem ideologias sociais, reproduzem a sociedade em que vivem seus escritores e, por conseguinte, os comportamentos sociais dos viventes. Pelo contrário, a leitura do texto literário deve servir para que o leitor possa se aproximar e compreender com a intersecção de outros saberes os problemas sociais que afetavam a vida social nos mais diversos contextos e, com isso, entender o porquê de determinadas características nos textos literários, incluindo os discursos que o marcam. Portanto, só se faz cartografia das representações da literatura gay por meio da perspectiva dos estudos culturais e nenhuma outra corrente da crítica literária cumpre esse papel, além de nos situar acerca dos pouquíssimos textos que abordam a homoafetividade na velhice.

Representations of sexuality in LGBTQIA+ old age

Abstract: This article aims to analyze the representations of sexuality in LGBTQIA+ old age of characters in the short stories *Marília acorda*, by Natália Borges Polesso and *Ela desatinou*, by Vagner Amaro. For this analysis, about old age, Boclin (2003), Beauvoir (2018), Goldenberg (2017), Zimmerman (2007) will be used; about homo-affectiveness and sexuality, Okita (2015), Lopes (2002), Mott (2003), and others. Besides, the methodological approach is supported by bibliographical research and analysis focused on the reading of the short stories in discussion with the theories studied. Therefore, it was understood that the analyzed narratives bring different perspectives about the treatment given to old age LGBTQIA+ not only because of the gender, in the first, the characters are ignored and called "strange old women" and in the other Olympio is admitted in a care home in order to the family appropriates his goods.

Keywords: Homo-affectiveness. Old age. Abandonment. Family. Gay expression literature.

Referências

- AMARO, V. Ela desatinou. In.: _____. **Eles: contos**. Rio de Janeiro: Malê, 2019, p. 51-59.
- CANDIDO, A. **Direitos humanos e literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CARLOS, K. P. T.; ARAÚJO, L. F. Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. **Psicología, conocimiento y sociedad**, v. 8, 2018, p. 218-237.
- CUTI, L. S. **Literatura negro-brasileira**. (Coleção Consciência em debate/ coordenada por Vera Lúcia Benedito). São Paulo: Selo Negro, 2010.
- FIGARI, C. **@s outr@s cariocas: Interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro – Séculos XVII ao XX**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 4: as confissões da carne**. (Coleção Biblioteca de Filosofia) Comp. Frédéric Gros. Trad. Heliana de Barros Conde Rodrigues; Vera Portocarrero. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria [O “caso dora”] e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HENNING, C. E. Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. **Horizontes Antropológicos**, 23(47), 2017, p. 283-323. Doi: <<http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832017000100010>>
- LOPES, D. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- LOURO, G. L. **O corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MOTT, L. Bichas de terceira idade: o alegre fim dos solteirões. In.: _____. **Crônicas de um gay assumido**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003, p. 49-52
- MUCIDA, Â. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**, 2. ed. ver. 3. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- OKITA, H. **Homossexualidade: da opressão à libertação**. 2. ed. São Paulo: Sundermann, 2015.
- OLIVEIRA, R. da S. De inaudíveis a audíveis: vozes gays, vozes de resistência. In.: MENDES, A. de M.; SILVA, F. M. da; BARROCA, I. C. S. (orgs.). **Literatura e resistência: corporeidade, gênero e decolonialidade**. Teresina: Avant Garde Edições, 2020, p. 270-290.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. 1975. Disponível em: <<http://www.who.int/country/bra/en>>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- POLESSO, N. B. Marília acorda. In: **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015, p. 132-136.
- SOUZA, V. P. Desconstruindo a cis-heterossexualidade: uma perspectiva decolonial. **Artefactum**. Rio de Janeiro, Ano X, vol. 16, n. 1, 2018, p. 1-13.